

PAISAGEM VIVIDA: FRAGMENTOS CIGANOS.

LIMA, Solange T.¹

Os estudos geográficos têm buscado durante as últimas décadas, compreender e traduzir as experiências ambientais sob diferentes instâncias. A compreensão dos processos relacionados à cognição percepção, afetividade, memória, alienação e criação de imagens ligados ao sentido de *espaço vivido*, envolve profundas reflexões, considerada a multiplicidade de formas de experienciar e apreender estas diversas dimensões espaço-temporais.

Já não estamos apenas imersos em um espaço organizado sob a dinâmica de suas estruturas sócio-econômicas ou ecológicas em transformações cotidianas, mas estamos, corpo a corpo, com um espaço que se estende, se prolonga em sua própria realidade, aos dimensionamentos do imaginário.

Em um primeiro momento, nos encontramos diante de paisagens que incorporam as relações e situações imanentes ao significado do *vivido*, envolvendo percepções, valores e atitudes. Posteriormente, ao ultrapassarmos uma experiência geográfica passível de mensurações de índices, cifras, escalas, conquistamos progressivamente, outros domínios, onde outras *realidades geográficas* extrapolam coordenadas cartesianas, fundamentando-se em bases fenomenológicas.

Neste sentido, o espaço é dotado de uma identidade sustentada pelas experiências de continuidade e descontinuidade dos seus referenciais específicos à vida dos seres humanos; isto é, o tempo vivido, cristalizado nos componentes das paisagens, preservando e transmitindo, ao longo da duração de cada história pessoal ou transpessoal, os valores e percepções de uma cultura.

Ao abarcar estas relações espaço-temporais, este mesmo espaço é percebido, segundo Bueno, “como *cápsula do tempo e detonador da memória*”, tornando-se uma fonte de referenciais afetivos, ancorando as *realidades* do espaço vivido, em um contraponto entre a associação e a organização de imagens ambientais criativas, mediante a continuidade da memória e a descontinuidade da lembrança.

A experiência ambiental passa então, a refletir a profundidade da consciência de existir, habitar, viver, pois os espaços de nossa vida encontram-se impregnados de valores e significados que se transformam a cada nova experiência e que se organizam, portanto, sob planos de representações variadas, resultantes do próprio espírito inquiridor e criativo do Homem. Enquanto *espaço vivido* reflete a dialética entre a parte e a totalidade, a dinâmica de forças de atração e repulsão que, paradoxalmente, acaba por mediar relações de convivência nos processos que interagem em seus diversos níveis de realidade ambiental.

Ao constituir-se em um espaço de complexidades marcado por relações de reciprocidade e familiaridade, traz em si, todas as incongruências contidas em uma vida. Ainda, envolve todas as imbricadas experiências oscilantes entre os limiares do real e do

¹ Professora Assistente, IGCE/UNESP; Centro de Estudos Ambientais (CEA), Rio Claro (SP) - Brasil.

imaginário, fazendo da compreensão do espaço vivido uma “viagem” através de regiões que muitas vezes não conhecemos, ou redescobrimos graças a uma nova percepção, conferindo um outro valor e, conseqüentemente, uma nova visibilidade, antes não considerada.

Neste estudo sobre o espaço vivido dos ciganos, as imagens enredam configurações de espaços atemporais, lendários, estabelecendo, conforme Bueno (1994: 06), “*vínculos com a materialidade do mundo*”, que, através da tradição oral, enredam também a teia de relacionamentos e o diálogo entre universos culturais distintos.

O espaço vivido pelos ciganos comporta o dinamismo da realidade geo-histórica, a exemplo do conhecimento geográfico adquirido em suas rotas de migração e de alguns lugares identificados, internacionalmente, como centros de polaridade para os diferentes grupos de população *Rom*: *Kalderash, Lovara, Rudari, Sinto, Matchuaia*, etc.

Estes são alguns aspectos referentes à dimensão concreta do espaço vivido pelos ciganos: *marcam* espaços através dos tempos, pelas diversas regiões da Terra, determinando muitas vezes, as paisagens que devem ser partes de suas vidas, segundo as relações de poder engendradas pelas sociedades dominantes.

Contudo, este mesmo espaço vivido segrega outros campos não-mensuráveis ao nível das escalas matemáticas. Pertencentes aos domínios do imaginário, tomam concretude mediante a tradição oral, apresentando traços de permanência surpreendente no decorrer de jornadas milenares, ou então, imagens tênues que revelam um esquecimento concernente às próprias origens.

Na confluência destes espaços vive o povo *Rom*: espaço vivido entre as fantasias do imaginário e as realidades geo-históricas, porém, ambas as dimensões experienciadas deste espaço constituem-se em realidades verdadeiras, ainda que insólitas. Sob determinados aspectos, é um espaço vivido em retração, à medida que outros espaços vividos expandem suas outras realidades, extinguindo seus campos seculares e sagrados. De certo modo, é um presságio da própria morte diante de processos de mudança, adaptação e aculturação que nunca foram tão marcantes, em intensidade e força, disfarçados em sutileza, como em nossos dias.

Estes processos culturais têm gerado diferentes graus de fragmentação na *personalidade*, refletidos no sentimento de identidade étnica, na coesão e na memória grupal, bem como, em histórias de vida individualizadas. O resgate das imagens ambientais revela um espaço vivido extremamente fragmentado, resultado de experiências que conduzem à dualidade de um código de ética, valores e atitudes, na tentativa de prorrogar mais um pouco a sobrevivência dos diversos grupos *Rom*.

Sob outra ótica, é ainda, um espaço de encapsulamentos, onde as restrições não são encontradas somente em termos da ocupação de um espaço físico, pois trata-se de restringir a capacidade de expressão, de vivenciar os próprios estratagemas visando a conservação da vida. Ao resgatarmos as imagens de *nômades*, poderíamos questioná-las quanto à veracidade de sua gênese, tendo em vista, que configuram-se, através de milênios, como imagens de *fuga* (um *falso-nomadismo?*), que perduram até os dias de hoje, por todo o mundo.

Em relação aos primórdios de suas origens não temos registros autênticos escritos, apenas contamos com os relatos da própria tradição oral, em forma de lendas, sagas, cantos, perpetuada pelos mais velhos dos grupos. Posteriormente, vamos encontrar os relatos de viajantes, mercadores e cronistas, narrando o encontro e os contatos com estes grupos de gente misteriosa e mágica.

E quanto às lendas, elas contam de espaços vividos entre as regiões da Caldéia, do Egito e da Índia, sendo conveniente mantermos cautela quanto à emissão de consensos quanto à origem. Particularmente, acredito que a Índia represente um lugar nas trajetórias deste povo, dadas as diferenças de caracteres físicos entre os grupos, com predominância ora dos traços semitas e mouriscos, ora daqueles indo-arianos. Entretanto, são apenas suposições e até o presente, somente podemos conjecturar, apoiados nas narrativas da história oral e nas análises comparativas, pois não existe, ou não foi descoberta, nenhuma documentação concernente a este remoto passado.

Por estas razões, os espaços vividos que abrigaram as origens, estão perdidos entre as lendas das terras de *Kaldí*, *Chal*, *Sindhu*, envolvidos pelo mistério de suas fronteiras invisíveis. De verdadeiro, podemos apenas dizer que até os lugares das lendas têm sido esquecidos pelas novas gerações.

No entanto, os primeiros registros relativamente precisos sobre o aparecimento dos ciganos no mundo ocidental, datam em torno do século XIV, com a chegada desta população de “*raça mista de judeus e mouros*” à Europa, como peregrinos da Terra Santa. A partir desta época, os relatos históricos sobre a localização das “*hordas ciganas*” encontram-se documentados em função das perseguições movidas pelo Tribunal Inquisidor, sendo a primeira perseguição iniciada com a *Pragmática Medina del Campo*, em 1499, assinada pelos Reis Católicos, e inspirada pelo arcebispo Jimenez de Cisneros. As acusações eram de fazer “*mal de ojos*”, pacto com o demônio, antropofagia.

As trajetórias empreendidas se caracterizaram por um espaço vivido mediante perseguições culminando com os horrores da repressão e das execuções impetradas pela Santa Inquisição, devido às acusações de heresias, bruxaria, antropofagia e práticas pagãs.

Neste período, os ciganos foram conhecidos como *egyptianos*, *mouros*, *sarracenos*, *judíos*, *gregos*, *romanós*, *boêmios*. Por onde passavam, com seu vesturário original e colorido, com o exotismo de seus adereços e do seu artesanato, eram motivo de curiosidade, num misto de admiração, medo e ódio. O encantamento de sua música e dança chamavam a atenção das populações de reinos e aldeias, que vinham de longe para ver estes viajantes, detentores de conhecimentos antiquíssimos sobre medicina, animais, sortilégios, quiromancia e magia cabalística ...

Entre carroças e ícones, entre curtas ou longas paradas, os ciganos mantiveram-se coesos em sua cultura e identidade, adaptando-se às diferentes conjunturas, geralmente, determinadas pelas *Guerras Santas*, entre mouros e cristãos. Sob as circunstâncias destas ambiências, oscilaram do paganismo ao cristianismo, para novamente idólatras e cristãos, de um lugar para outro, sob os signos e caprichos dos Impérios Conquistadores do Oriente e do Ocidente. No decorrer destes séculos, ao disseminarem-se por toda a parte, levaram consigo uma identidade expressa por comportamentos singulares que faziam dos seus espaços vividos, espaços delimitados pelas fronteiras do distanciamento cultural.

Os valores *rom* estavam em permanente conflito com os valores dos *gadjés*, e estes, legislavam para um povo que possuía suas próprias leis e tribunal - *Krisromay*. As permissividades e libertinagens atribuídas aos ciganos, longes da verdade, eram muito mais produto do imaginário da sociedade medieval, exacerbado pelas imagens de medo, que a ignorância da realidade dos fatos é capaz de produzir.

Para Charlemagne (1984: 17), o reconhecimento da “*gente de viagem*” foi marcado por uma construção negativa, em função dos modos de vida sedentários, onde “*a identidade sócio-cultural dos ciganos nunca é levada em conta*”, a menos que represente um problema para a sociedade. Sob esta visão, Janush (1984: 20) também considera que as

terríveis injustiças cometidas durante séculos e que privaram muitas gerações de todos os direitos civis, culminaram com preconceitos e racismos, sob todas as suas formas.

Os lugares ficaram registrados na memória, segundo uma realidade social impregnada de rastros de perseguições e pelo desenvolvimento de um sentimento de resistência diante da destruição do próprio significado da identidade cigana, deixando, conforme as palavras de Grande (1984), “*um gosto de sangue na boca*”. De certo modo, os ciganos contrabandeavam sonhos de liberdade em espaços de vassalos e suseranos ...

Passado este período histórico em que nascer cigano já era em si uma contravenção e uma heresia, vamos encontrar um relativo silêncio, uma lacuna sobre a vida dos ciganos com referências aos seus espaços vividos. Entretanto, os *gadjés* continuaram engendrando imagens distorcidas, enquanto os *Rom* engendraram inquietações. Por estes “*tempos ciganos*”, os processos de sedentarização e marginalização são reforçados e o espaço vivido é um espaço de retrações.

Nesta época, os estudiosos da temática foram conhecidos na comunidade científica, como “*orientalistas*”, e as discussões de seus trabalhos foram marcadas por avanços e retrocessos nas tentativas de estabelecer um consenso sobre a gênese do povo cigano. As preocupações estavam voltadas, essencialmente, para os estudos etnográficos e folclóricos, buscando uma compreensão, impregnada de reminiscências de ideologias colonialistas. As imagens do povo *Rom* foram, então, apreendidas de forma a mesclar a fria realidade da sobrevivência, a um encantamento reforçado pelo imaginário individual e coletivo, através de imagens de fantasias dignas dos contos de Scheerazade.

Ao iniciar o século XX, vamos encontrar os grupos ciganos em condições que variaram entre a quase total adaptação aos padrões e valores *gadjés*, sendo então classificados antropologicamente, como criptociganos; e a forma de vida nômade ou semi-nômade, e a conseqüente marginalização sócio-cultural, acentuada através do tempo.

Nestes primeiros anos do nosso século, vários países tentaram sedentarizar os ciganos mediante a proibição legal do nomadismo, entretanto, as leis dos *gadjés* não eram as leis dos *rom*, e os símbolos do *patrin* iam marcando um espaço vivido de barreiras e limitações geopolíticas. Esta conjuntura persistiu a nível internacional, principalmente no Ocidente, agravando-se novamente, nas primeiras décadas deste século quando a população cigana encontrava-se disseminada por quase todos os países, de forma sedentária ou nômade.

Já na Alemanha, com o surgimento dos ideais arianos, os problemas de discriminação oficial levaram no ano de 1899, à criação da “*Seção Especial de Questões Ciganas*”, da Polícia Bávara, segundo Novitch (1984: 24), transformando-se no ano de 1929, em “*Central Nacional*”, com sede em Munique. Neste período a ascensão de Hitler ao poder era uma realidade sombria, e a partir de 1933, as restrições tornaram-se mais severas, com a expulsão e a deportação de ciganos, pois, conforme Novitch (1984: 24), “*o extermínio dos ciganos estava incluído no programa da Alemanha Nazista*”, sendo os mesmos considerados, a exemplo dos judeus, população a ser destinada à “*solução final*”.

No decorrer dos anos da II Guerra, foram enviados para diferentes campos de concentração, sendo as ordens de extermínio iniciadas na primavera de 1941. Sob as leis nazistas, trinta mil ciganos foram deportados para a Polônia, morrendo nos campos de Belzec, Tleblinka, Sobibor, Majdanek. Da Bélgica, Holanda e França, milhares foram deportados para Auschwitz. Também o extermínio se deu através das câmaras de gás, sendo o pior massacre de ciganos em Auschwitz, ocorrido na noite de 31 de julho de 1944. Em outros países, como a Polônia, Ucrânia, Criméia e nos Países Bálticos, foram executados em massa, em campo aberto ou nas florestas onde buscavam refugiar-se.

Ainda para Novitch (1984:24) os ciganos diante da hedionda paisagem de Auschwitz, resistiram até à morte, embora “*a crueldade e o poderio do inimigo prevaleceram à sua coragem*”, segundo testemunhos dos que lutaram na Resistência polonesa.

A partir dos anos 30, com a ascensão das teses e ideais nazistas, mais uma vez os ciganos são condenados a empreender uma fuga maciça pela Europa, migrando para as Américas e para alguns países do Oriente. Muitos partem, muitos ficam, poucos sobrevivem resistindo. Nestes tempos, o espaço vivido é de medo e angústias.

Na percepção dos ciganos, a paisagem vivida quase até a metade do século XX, foi marcada pelos lugares do medo e da morte. Em suas caravanas, contrabandearam armas para os movimentos da Resistência, onde ela estivesse formada; e também judeus, disfarçados no meio das cargas e dos fardos de forragem para seus animais. Nunca os códigos do *patrin* foram tão comuns pelas estradas e caminhos europeus, somente que suas mensagens eram alertas de perigo e cautela, diante das armadilhas que ameaçavam a busca dos refúgios de vida, nem sempre alcançados ...

Transcorridos cinquenta anos, tempo em que os ciganos tentaram reestruturar suas vidas e choraram seus mortos, após os horrores abomináveis da II Guerra, o pesadelo do *preconceito de raça* volta a ser uma realidade na Europa. Das décadas do pós-guerra até o presente, sabemos que muitas coisas mudaram entre *gadjés e Rom*. Neste período, já dispomos de um referencial bibliográfico onde os autores são ciganos, como prova das profundas mudanças decorrentes do próprio renascimento da consciência cigana.

A paisagem vivida envolve a explosão dos movimentos de consciência das minorias étnicas, a nível mundial, associadas às estratégias de defesa diante das violentas manifestações de racismo, registradas durante os anos 80 até nossos dias, pelos movimentos “*skinheads*”, onde é claro o ressurgimento de ideais neo-nazistas. Também, os ciganos são vítimas destas práticas que violam os princípios dos direitos humanos e, outra vez, em tão pouco tempo, o espaço vivido fragmenta-se em espaços de incertezas e de morte, em contrapontos de percepções ciganas e não-ciganas.

Em alguns países, mesmo quando encontram-se inseridos na sociedade e em um mercado de trabalho qualificado por nível superior, os ciganos são discriminados e agredidos, restando apenas indignação e aturdimento relativos ao preconceito crescente, externado em frequentes, e violentas manifestações de ódio racial.

Diante do quadro relacionado à situação internacional dos ciganos, resta nos dizer que, passados cinquenta anos do pesadelo nazista, outra vez, encontramos-nos perplexos com o reavivamento deste mesmo pesadelo, sob novas roupagens. Sem dúvida, neste momento, a única realidade que está diante deles, sejam ciganos ou não, conforme as notícias veiculadas pela imprensa, é sobre uma paisagem vivida de incertezas e medo.

O significado da paisagem vivida dos ciganos deve ser apreendido através da compreensão dos processos de fragmentação que as diferentes políticas sócio-econômicas e religiosas causaram ao longo da existência deste povo, tornando-os *proscritos* em todos os espaços por onde viveram.

Esta fragmentação vai refletindo-se cada vez mais na própria percepção do meio ambiente e na atribuição de valores, a ponto de provocar profundas alterações nas atitudes e condutas dos indivíduos, principalmente, quando consideramos os papéis dos agentes exógenos na transformação do sentido de espaço em lugar.

Mediante as análises das fontes bibliográficas, também observamos que o significado de paisagem vivida para os ciganos estruturou-se a partir da percepção de uma realidade dividida entre dois mundos - o Oriente e o Ocidente. Deste modo o aprendizado,

adquirido através das experiências ambientais, permitiu a criação de imagens impregnadas de mitos e símbolos, numa fusão milenar, possibilitando leituras diversas de uma mesma paisagem.

Das lendárias experiências de expressões topofílicas, passaram a vivenciar relações de topofobia, onde a visibilidade de alguns lugares ficou assegurada pelo simbolismo das paisagens como *territórios proibidos*, pelo medo e pela morte, e um exemplo ainda lembrado, são as imagens da paisagem vivida de Auschwitz, na noite de 31 de julho de 1944, onde cerca de quatro mil ciganos pereceram nas câmaras de gás. Desde então, para os ciganos do século XX, não existem mais espaços que ofereçam condições de serem vivenciados em relativa tranquilidade.

O espaço vivido gerado pelas relações de poder do mundo dos *gadjés* nunca permitiu *desertores* e, apesar da renitente resistência dos ciganos diante destas teias de relações, os seus espaços têm apresentado uma contínua retração, como se enfim, a paisagem vivida pudesse ser restringida aos limites de *guetos* disseminados pelo mundo.

A análise de suas experiências mostrou-nos que a paisagem vivida foi fragmentada pelo contraponto de duas percepções, de duas escalas de valores culturalmente diferenciadas. Para os *gadjés*, talvez o modo de construir seus próprios destinos esteja no significado do *ter*, enquanto que para os *Rom*, o significado de tudo, esteja no *ser*.

Sob esta dicotomia de visões de mundo, até agora inconciliáveis, o mundo vivido dos ciganos é um lugar onde valores orientais e ocidentais se complementam, criando relações em cada ângulo da paisagens, passando a guardar os segredos dos “*corações da terra*”, como símbolos da preservação e conservação dos seus espaços.

Na percepção dos ciganos, o espaço é como um mosaico de hieróglifos a serem descobertos a cada experiência com a paisagem, como se a mesma fosse um imenso e imbricado *patrin*. E diante de uma realidade geopolítica de tantas incertezas, não restam muitas paisagens a serem vividas pelos ciganos e, por isto, as escolhas essenciais devem ser secretas para garantir a sobrevivência, perpetuando os ciclos e ritmos da vida.

O espaço experienciado pelos ciganos é uma paisagem de *filigranas de ouro e prata* formadas pela delicadeza de entrelaçamentos de percepções e experiências, de valores do Oriente e do Ocidente, amalgamando imagens relativas aos lugares do real e do imaginário, que, ao interpenetrarem suas dimensões, constituem a realidade única que confere o significado e o valor pleno do espaço vivido.

A paisagem vivida pelos ciganos evoca uma história de lugares que, aos poucos, estão sendo perdidos até mesmo no espaço das lembranças para talvez, serem reencontrados em um espaço de esquecimentos, como uma lenda, entre tantas outras lendas ... Entretanto, com referência à preservação dos valores culturais, M’Bow (1984:04), acredita que a tradição oral constitui-se em fator de proteção essencial da alma, dignidade e identidade dos ciganos, sendo estes um dos povos mais estáveis em relação aos seus lastros éticos e estéticos, pois justamente, é esta estabilidade que perpetua suas tradições, independentemente das mudanças em seu modo de vida durante suas migrações, garantindo, segundo o autor, um valor especial, afirmando “*sua permanência cultural até mesmo através de sua inserção em sociedades diferentes*”, reforçando as imagens de “*andarilhos de toda a terra*”.

No Brasil, como na América Latina, a presença dos ciganos é constatada desde o século XVI, porém não existem estudos suficientes sobre estes grupos, sendo raros e esparsos no tempo, sem continuidade. Segundo Mota (1984:32), a migração cigana a partir do século XX, procedeu principalmente da Península Balcânica e Europa Central, enquanto as migrações anteriores eram de ciganos ibéricos, de origem *Kaló*. Os grupos encontrados

na América Latina são: Kalderash, Matchuaia, Rudari, Horahané, Lovara, apresentando diferentes fases de adaptação, integração, perda cultural, e acentuadas tendências à sedentarização.

No contexto internacional, a questão cigana tem passado por análises e avaliações, conforme os rumos das conjunturas políticas relativas às minorias étnicas, levando organismos e instituições transnacionais, e comitês nacionais, a exemplo da UNESCO, UNICEF, URI (União Rom Internacional), discutirem temas pertinentes, bem como a implantação de programas específicos a estas populações.

Estes estudos e medidas de carácter protecionista visam solucionar situações concernentes à obtenção de cidadanias, proibição de entrada em algumas cidades, envio de crianças para escolas denominadas “*institutos especiais*”, “*aparência cigana*” e outros preconceitos, ataques a comunidades e vilarejos onde a população de ciganos é majoritária, sendo posteriormente destruídos através de incêndios, registrando-se a seguir, a expulsão de seus habitantes.

No cenário internacional, conforme informações da Anistia Internacional datadas de 1992 a 1994, e também pela imprensa até 1995, a situação vem tornando-se mais sensível em toda a Europa, especialmente nos países do seu Leste, levando os grupos ciganos nômades ou sedentários a buscarem alternativas para a defesa de sua integridade e identidade étnica, registrando-se, porém, em ritmo crescente, um aumento de criptociganos, como uma forma de sobreviverem face à marginalização imposta, permitindo possibilidades de proteção de seus direitos e prerrogativas.

Neste sentido, frente à sociedade não-cigana, torna-se emergente a avaliação das normas de atuação moral, de juízos e valores, onde as comunidades ciganas, sem renegarem suas origens, possam advogar um desaparecimento de imagens estereotipadas, discriminatórias, causadoras de profundas interferências nos processos de adaptação e aceitação de uma minoria no contexto cotidiano de uma sociedade preexistente.

Ao analisarmos os direitos ciganos ao longo dos tempos, registramos um rastro de discriminações de diferentes naturezas, abarcando sempre, de acordo com Moonen (1995: 31), “*a violação aos direitos dos discriminados*”, rompendo os princípios básicos estabelecidos na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (ONU, 1948) e em documentações posteriores, a exemplo da Convenção de 1965. A partir da documentação surgida em consequência do processo de formação da União Européia, as questões ligadas aos ciganos passaram a ser consideradas a nível de legislação e práticas administrativas, envolvendo assistência social, educação, saúde, segurança, acesso ao mercado de trabalho, pois enquanto membros de minorias étnicas, possuem, conforme Moonen (1995: 48), além de seus direitos como cidadãos comuns, direitos especiais estabelecidos internacionalmente, objetivando resguardar o reconhecimento de sua história, condições sociais, valores, assim como de suas manifestações culturais.

Quanto ao ressurgimento de uma *consciência cigana* a nível mundial, congregando ciganos e criptociganos na proteção de seus valores étnicos e éticos, creio que uma expressão referente à percepção e experiência ambientais, articule em si a permanência milenar de suas concepções sobre a paisagem vivida, estruturando a realidade, sob uma conotação holística, impregnada de uma geograficidade, segundo Dandel (1954), que traz à luz um único lugar, reconhecido como terra natal, casa, lar, enfim, como uma única tenda ... Ciganamente:

“ *A Terra é minha pátria, o céu é meu teto* ”

a liberdade é minha religião”.

BIBLIOGRAFIA

- BERNADAC, Ch. *L'Holocauste Oublié: le massacre des tsiganes*. Paris: France-Empire, 1979.
- BUENO, Antonio Sérgio. "A Geografia do Maravilhoso", inédito, Univ. Federal de Minas Gerais, Fac. de Letras, 1994.
- BUTTNER, Anne. "Farmers, Fishermen, Gypsies, Guests: Who Identifies?" *Pacific Viewpoint*, nº 1, vol. 26, apr/1985, pp. 280-315.
- CHARLEMAGNE, Jacqueline. "A Renovação da Consciência Cigana", *O Correio da UNESCO*, dez/1984, ano 12, pp. 11-17.
- CHINA, José B. de Oliveira. *Os Ciganos do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1936.
- COELHO, Adolpho. *Os Ciganos de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.
- COHN, Werner. *The Gypsies*. Massachusetts: Addison - Wesley, 1973.
- CRIPPA, Adolpho. *Mito e Cultura*. São Paulo: Convívio, 1975.
- DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique*, Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- FOLETIER, François de Vaux. *Le Monde des Tsiganes..* Paris: Berger-Levrault, 1983.
- GRANDE, Felix. "Canto Flamenco: um gosto de sangue na boca", *O Correio da UNESCO*, dez/1984, ano 12, pp. 29-31.
- HEREDIA, Juan D. Ramirez. *Nós, os Ciganos*. Braga: Editorial Franciscana, 1974.
- HOFFMANN, Carlos Cezar. *A Alma Roubada: estudo de um grupo cigano em Jaraguá do Sul*. Universidade Regional de Blumenau, 1992.
- HUMEAU, Jean-Baptiste. "Approche du Referentiel Geographique des Minorités Nomades Françaises", *Bulletin de L'Association des Geographes Françaises*, nº 3,, 1989, pp. 221-233.
- JANUSH, Rosa Taikon. "A Família Cigana", *O Correio da UNESCO*, dez/1984, ano 12, pp. 19-20.
- LAFUENTE, R. *Los Gitanos, el Flamenco y los Framencos*. Barcelona: Barna, 1955.
- LIMA, Solange T. "Terra, Rotas e Tendias: sobre a paisagem vivida dos ciganos", *Caderno de Geografia*, nº 6, dez/1994, pp. 41-47.
- LOCATELLI, Moacir Antonio. *O Ocaso de uma Cultura*. Santa Rosa: Barcellos, 1981.
- M'BOW, Amadou-Mahtar. "Um Povo Fiel a Si Mesmo", *O Correio da UNESCO*, dez/1984, p. 4.
- MOONEN, Frans. "As Minorias Ciganas e o Direito: projeto de estudo interdisciplinar", *Cadernos de Ciências Sociais*, UFPB, 1995.
- MOTA, Ático V.B. "Os Ciganos do Brasil", *O Correio da UNESCO*, dez/1984, pp. 32-33.
- MORAES FILHO, Alexandre José Mello. *Os Ciganos no Brasil & Cancioneiro dos Ciganos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1886.
- NOVITCH, Myriam. "Os Ciganos e o Terror Nazista", *O Correio da UNESCO*, dez/1984, ano 12, pp. 24-25.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- TUAN, Yi-Fu. *Landscape of Fear*. Oxford: Brasil Blackwell, 1979.
- TUAN, Yi-Fu. *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, values*. New York: Prentice-Hall, 1974.